

O teatro das oligarquias

No Brasil, as pessoas comuns estão habituadas a reclamar da política, atribuindo a ela toda a corrupção e maldade que assolam o país. Essa percepção não é totalmente infundada, dado que nossas instituições foram arquitetadas não para atender aos interesses da nação e do povo, mas para sustentar a estrutura de poder que mantém as oligarquias brasileiras no comando.

Tudo o que vem a público no Brasil tem como objetivo iludir o cidadão comum. Desde o golpe republicano, a motivação final de muitas instituições nacionais tem sido perpetuar as elites patrimonialistas no poder. Essas instituições funcionam como celas que mantêm a elite montada no lombo do povo.

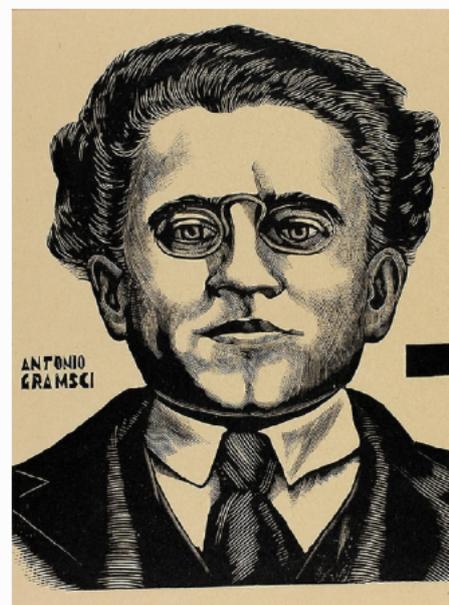
O Partido dos Trabalhadores prometeu que, com sua ascensão ao poder, transformaria radicalmente o Brasil, trazendo protagonismo à classe trabalhadora. O país, no seu capitalismo emergente, sempre enxergou as grandes empresas como sócias do Estado, um cliente único capaz de remunerá-las generosamente pelos serviços prestados. Isso as integrava ao "estamento burocrático", um conceito cunhado por Raymundo Faoro em sua obra *Os Donos do Poder*. Esse sistema não era plenamente capitalista nem socialista; era patrimonialista.

Na década de 1970, intelectuais de esquerda, sonhando com a formação de um partido de massas, encontraram em Faoro um manual conceitual. Eles perceberam que a revolução brasileira deveria ser menos anticapitalista e mais antipatrimonialista. O alvo era claro: o "estamento burocrático", esse conglomerado de interesses que controlava o poder estatal em benefício próprio.

O Estado brasileiro sempre conviveu com empresas sob suas asas. Desde as capitânicas hereditárias, o Estado sustentou operações para os amigos do rei – fosse no período colonial, imperial, republicano ou na chamada "redemocratização". Uma pequena casta sempre se beneficiou dos favores do poder público.

Contudo, intoxicados pelo pensamento de Antonio Gramsci, esses intelectuais adotaram os seus métodos, que eram centrados na infiltração cultural e ocupação de espaços. A hegemonia cultural tornou-se a pedra angular de sua estratégia, transformando o partido no "príncipe" que teria controle invisível sobre a cultura e o poder real (e bem visível) do Estado brasileiro.

- As pessoas tratam a política como causa dos males do Brasil.
- As instituições no Brasil, desde o golpe republicano sustentam as oligarquias nacionais no poder.
- Lula não tem qualquer atrito com o mercado financeiro, esse é apenas o novo enredo de um teatro entre os poderosos no Brasil.



Essa estratégia fez do projeto político petista um dos mais bem-sucedidos da história brasileira. Nos anos 1980, a visão comunopetista já dominava as classes falantes do Brasil. Conservadores, liberais e centristas, sem um discurso próprio, acabaram adotando a linguagem dos adversários, reforçando, ainda que involuntariamente, a hegemonia do partido. Na década seguinte, a oposição desapareceu completamente do cenário público, dando lugar a uma disputa interna na esquerda. Essa competição era por cargos, não por ideias, permitindo que Lula, com seu carisma e simbolismo, emergisse como líder incontestável em uma eleição onde todos os candidatos eram de esquerda.

A chegada de Lula à presidência marcou o auge da ocupação de espaços. O PT consolidou sua influência em todos os níveis do Estado, reforçando sua hegemonia.

Paradoxalmente, o PT se transformou no próprio "estamento burocrático" que prometera destruir. Não apenas reforçou o patrimonialismo, mas tornou-se sua encarnação mais pura e indestrutível, unindo os interesses de grandes empresas, mantendo a máquina cultural domesticada e encarnando o instinto de sobrevivência da classe política.

Enquanto instigava o ódio popular ao "estamento burocrático", o PT transfigurou-se no próprio inimigo que dizia combater, criando uma máquina de ocupação de espaços que converte apoio financeiro, social, logístico e até criminoso em poder político.

O que estamos assistindo, com essa falsa briga entre Lula e o mercado financeiro, é justamente isso: o PT está entregando as riquezas do Brasil para abastecer sua máquina política. Há poucas semanas, vimos Fernando Haddad esbanjando intimidade com grandes banqueiros que, não por coincidência, mantêm uma relação patrimonialista com o Estado.

Não há qualquer conflito real entre Lula e o mercado financeiro. O que está embalando o projeto petista é a corrosão do Brasil como um todo. A nação está ruindo. O problema que o PT precisa resolver é a insatisfação do povo, que está pagando o preço dessa situação. Para isso, o partido tentará rotular o mercado especulativo como inimigo. Mas isso não passa de mais um enredo no teatro das oligarquias nacionais.

